



KATE ALCOTT

# A COSTUREIRA

SEGREDOS, ROMANCE E MORTE  
NO RASTRO DO TITANIC

TRADUÇÃO  
*Ana Carolina Mesquita*



GERAÇÃO

*Uma jovem ambiciosa e uma estilista célebre sobrevivem ao maior naufrágio da História, mas são arrastadas pelo turbilhão de escândalos que se segue à tragédia. Tess Collins, uma jovem inglesa que sonha ser mais que uma empregada e ver reconhecido o seu talento para a alta costura, consegue emprego com a famosa estilista lady Duff Gordon a bordo do Titanic, que rumo para os Estados Unidos. Porém, a viagem que se iniciou de forma tão auspiciosa acaba se tornando a maior tragédia marítima de todos os tempos. Tess e lady Duff sobrevivem, a primeira para viver as aflições do amor e as chances de ascensão social, a segunda para se ver envolvida nos escândalos do inquérito sobre o terrível desastre naval. Com um pano de fundo histórico, mas sob um ângulo inédito, este soberbo romance acompanha a trajetória dessas duas mulheres apaixonadas pela linha e agulha, tão parecidas e tão diferentes, deleitando-nos com um retrato emocionante de uma época conturbada e de uma sociedade dividida. Tess simboliza a modernidade livre de preconceitos de classe e rica em oportunidades, enquanto lady Duff representa a decadente Belle Époque, um mundo de glamour e privilégio com os dias contados, assaltado pelas contestações sociais, indústria de massa incipiente e pressões da mídia.*





## CHERBOURG, FRANÇA

*10 de abril de 1912*

Tess puxou os cantos dos lençóis que acabara de recolher do varal, tentou enfiá-los embaixo do colchão bem esticados e recuou para verificar seu trabalho. Ainda meio malfeito e amarfanhado. O supervisor que administrava a casa com certeza inspecionaria aquilo e torceria o nariz, mas isso já não importava mais.

Ela olhou pela janela. Uma mulher passava por ali, usando um chapéu esplêndido encimado por uma fita verde-escura brilhante e girando uma sombrinha vermelha, com uma expressão radiante e determinada. Tess tentou se imaginar andando assim com tanta confiança, sem ninguém para acusá-la de agir como se pertencesse a uma classe superior à sua. Quase podia sentir seus dedos ao redor do cabo macio e polido daquele guarda-chuva. Aonde estaria indo aquela mulher?

Olhou para trás, para a cama feita pela metade. Chega de fantasias, nem mais um minuto.

Andou para fora do quarto e parou, contida pela visão do próprio reflexo no espelho dourado de corpo inteiro do final ao corredor. Seus longos cabelos escuros, como sempre, tinham escapado do coque desalinhado, embora a curvatura de seu queixo, que normalmente lhe conferia um ar de arrogância, continuasse intocada. Mas não havia como negar o vergonhoso ponto crucial: o que ela viu foi uma jovem magricela com um vestido preto e um avental branco, carregando uma

pilha de roupa suja e que usava um chapéu idiota de servente bem no alto da cabeça. Uma imagem de servidão. Arrancou o chapéu e atirou-o em direção ao vidro. Ela não era servente nenhuma. Era uma costureira, e das boas, e seria paga pelo seu trabalho. Tinha se equivocado ao aceitar aquele emprego.

Tess enfiou as roupas sujas pelo alçapão da lavanderia e subiu a escada para seu quarto no terceiro andar, desamarrando o avental pelo caminho. É agora. Chega de hesitação. Havia empregos disponíveis, disseram os estivadores, naquele navio gigantesco que estava partindo para Nova Iorque hoje. Ela correu os olhos pelo quartinho. Nada de valise: a patroa a pararia na porta caso soubesse que ela estava indo embora. O retrato de sua mãe, sim. O dinheiro. Seu portfólio, com todas as suas criações. Tirou o uniforme, colocou seu melhor vestido e enfiou algumas roupas de baixo, meias e seu único outro vestido em um saco de lona. Olhou para o vestido de baile inacabado que estava na máquina de costura, para os minúsculos lacinhos de veludo branco que ela havia prendido à mão com tanto esforço na seda azul enfunada. Outra pessoa teria de terminá-lo, alguém que fosse pago para isso. O que mais? Nada.

Respirou fundo, tentando resistir ao eco da voz de seu pai em sua cabeça: “Não seja metida”, repreendia ele. “Você é uma garota do campo, faça seu trabalho, mantenha sempre a cabeça baixa. Você recebe pagamento decente e suficiente; melhor não arruinar sua vida com tanta ousadia.”

— Não vou arruinar minha vida — sussurrou. — Vou transformá-la para melhor.

Enquanto saía do seu quarto pela última vez, ela quase podia ouvir a voz dele acompanhando-a, rouca e raivosa como sempre: “Cuidado, garota boba”.



As botas de salto de Lucile se prendiam nas tábuas de madeira apodrecidas sob seus pés enquanto ela abria caminho pela multidão no porto de Cherbourg. Ela ajeitou a estola de pele de raposa ao redor do pescoço, deliciando-se com a maciez felpuda do pelo espesso, e empertigou a cabeça, atraindo muitos olhares, alguns motivados pela visão de seus cabelos ruivos de tom vivo, outros por saberem quem ela era.

Olhou para a irmã, que andava rapidamente em sua direção, cantarolando alguma canção nova e girando uma sombrinha vermelha.

— Você gosta mesmo de bancar a jovial, não é? — disse.

— Tento ser uma pessoa agradável — murmurou a irmã.

— Não preciso competir. Você pode ficar com todas as atenções — disse Lucile com seu tom mais áspero e altivo.

— Ah, pare com isso, Lucy. Nenhuma de nós é deficiente nesse quesito. Nossa! Você anda rabugenta ultimamente.

— Se você fosse apresentar uma coleção de primavera em Nova Iorque dentro de poucas semanas, também estaria rabugenta. Tenho muito com que me preocupar com toda essa conversa de mulheres suspendendo as saias e achatando os seios. Você, por outro lado, só precisa escrever mais um romance sobre elas.

As duas começaram a se espremer para passar entre as dúzias de malas e baús, cujas dobradiças de metal cintilavam à luz que caía, enquanto suas saias de lã fina arrastavam camadas de poeira úmida que havia se transformado em sujeira.

— É verdade, as ferramentas da minha profissão são muito mais portáteis do que as suas — disse Elinor, distraída.

— Com certeza são. Estou sendo obrigada a fazer essa travessia porque não tenho ninguém competente o bastante para cuidar do

desfile, portanto eu mesma terei de estar presente. Então, por favor, não seja frívola.

Elinor fechou a sombrinha com um estalo e encarou a irmã, arqueando uma de suas sobrancelhas perfeitas.

— Lucy, você é incapaz de ter senso de humor? Só vim aqui para lhe desejar *bon voyage* e acenar para você quando o navio partir. Devo ir embora agora?

Lucile suspirou e tomou fôlego, inspirando profundamente.

— Não, por favor — disse ela. — Gostaria tanto que você viesse comigo. Vou sentir sua falta.

— Adoraria ir com você, mas meu editor quer aquelas provas de impressão revisadas até o fim desta semana. — A voz de Elinor tornou-se radiante mais uma vez. — Mas você tem o Cosmo, que é um doce, embora ele não goste de poesia.

— Um defeito mínimo.

— Ele é um querido, o melhor presente que lhe deu foi um livro. Fui grosseira? Mas a verdade é que ele não tem nenhum gosto literário. — Elinor suspirou. — E sabe como ser chato.

— Tolicice.

— Você sabe disso tão bem quanto eu. Onde ele está?

Lucile corria os olhos pela multidão, procurando a silhueta alta e angulosa de *Sir Cosmo Duff Gordon*.

— Esse atraso é enlouquecedor. Se tem alguém que consegue fazer as coisas funcionarem com eficiência, e na hora, é Cosmo.

— Claro. É o trabalho dele.

Lucile lançou um olhar furioso para Elinor, mas a irmã já estava olhando para outra direção, com uma expressão inocente.



No alto do morro, longe do atracadouro, em meio às mansões de tijolo que se espalhavam nos penhascos da costa da Normandia, Tess marchava escada abaixo até a sala de estar. À sua espera estava a patroa, uma inglesa empertigada com lábios tão finos que pareciam ter sido costurados.

— Quero meu pagamento, por favor — disse Tess, escondendo o saco de lona nas dobras da sua saia. Ela viu o envelope que aguardava por ela na mesinha de canto perto da porta e começou a se inclinar naquela direção.

— Você ainda não terminou o vestido para a festa, Tess — disse a mulher em um tom mais ranzinza que o normal. — E meu filho mal conseguiu encontrar uma toalha no armário do corredor hoje de manhã.

— Agora ele irá encontrar. — Ela não voltaria lá em cima. Nunca mais se deixaria encurralar naquele armário de roupas de cama, mesa e banho, desvencilhando-se dos dedos magros e ansiosos do filho adolescente dela. Aquele envelope era seu; ela pôde ver seu nome escrito nele, e não estava disposta a ficar ali ouvindo as reclamações costumeiras antes de ele lhe ser entregue. Aproximou-se da mesa.

— Você já disse isso antes. Vou lá em cima agora mesmo para checar. — A mulher parou quando viu a garota estendendo a mão para apanhar o envelope. — Tess, eu ainda não o entreguei a você!

— Talvez não, mas eu já fiz por merecê-lo — disse Tess com cuidado.

— A má-criação não é nada admirável, Tess. Você tem andado muito misteriosa ultimamente. Se apanhar isso antes de eu entregar a você, terá ultrapassado os limites comigo.

Tess respirou fundo e, sentindo-se ligeiramente tonta, apanhou o envelope e segurou-o contra o corpo, como se ele pudesse ser arrancado de suas mãos.

— Então já ultrapassei — disse ela. Sem esperar resposta, abriu a porta de entrada ricamente ornada que ela jamais teria de polir de novo e rumou para o píer. Depois de tanto sonho e reflexão, tinha chegado a hora.



As docas estavam escorregadias por causa das algas. Com o coração acelerado, ela se espremeu entre o burburinho e o caos ao seu redor e inspirou o ar penetrante e salgado que vinha do mar. Mas onde estavam as placas anunciando os empregos? Ela abordou um homem metido num uniforme com grandes botões de metal e perguntou num francês hesitante, e depois num inglês urgente, quem estava encarregado de contratar funcionários para a limpeza e a cozinha daquele novo e grande navio.

— Chegou tarde, minha cara, os serviçais já foram todos contratados e os passageiros logo estarão embarcando. Má sorte a sua, receio. — Ele deu-lhe as costas.

Não importava quanto ela sorrisse, seu plano estava ruindo. Que idiota... ela deveria ter ido antes. E agora? Engoliu o sentimento vazio de não saber o que viria a seguir e tentou pensar. Encontre famílias; procure crianças pequenas. Ela daria uma boa babá. Então ter sete irmãos e irmãs menores não contava como experiência? Ela estava pronta para isso, sem problema nenhum; só precisava encontrar a pessoa certa e dizer as coisas certas para conseguir o que queria. Ela não seria detida, não seria *mesmo*. Iria embora de qualquer jeito.

Mas ninguém lhe deu a mínima. Um casal inglês de idosos recuou quando ela perguntou se eles precisavam de companhia para a viagem. Quando se aproximou de uma família com crianças e ofereceu seus serviços, eles a olharam com desconfiança, sacudiram a cabeça com



educação e se afastaram. O que ela esperava? Ela devia estar parecendo desesperada, com os cabelos desgrenhados e tudo o mais.



— Lucy, olhe aquela garota ali. — Elinor apontou um dedo delicado e bem cuidado para a frenética Tess. — Minha nossa, ela é uma beldade. Linda, de olhos grandes. Olhe só ela correndo para falar com as pessoas. Creio que está tentando entrar no navio. Você acha que ela está fugindo de alguém? Talvez da polícia? De um homem?

— Não tenho como saber, mas com certeza você vai tecer uma bela história com isso — disse Lucy, acenando para Cosmo, que se aproximava. Ele parecia, como sempre, meio alheio ao ambiente. Olhos frios, expressão calma; sempre no comando. Seguindo-o, em seus calcanhares, vinha um mensageiro tímido.

— Lucile, houve um problema... — Cosmo iniciou.

— Eu sabia — interrompeu Lucile, enrijecendo a mandíbula. — Foi Hetty, não é?

— Ela disse que não pode vir. Sua mãe está doente — informou o mensageiro. Ele se inclinou para a frente, quase numa reverência nervosa — o melhor que pôde, porque Lucile agora estava furiosa.

— Diga a essa garota que ela não pode desistir bem na hora de partirmos! Quem ela pensa que é? Se não embarcar conosco, está despedida! Você lhe disse isso? — Ela olhou carrancuda para o homem.

— Sim, madame — ele arriscou-se a responder.

Tess ouviu a confusão e parou, atraída pela visão das duas mulheres. Seria possível? Sim, uma delas usava o mesmo chapéu grandioso com a belíssima fita verde que ela vira da janela; e estava bem ali, distraidamente dando leves batidinhas no chão com a ponta daquela mesma sombrinha.

A voz aguda da outra mulher capturou sua atenção.

— Que desculpa miserável! — vociferou ela.

Alguém não tinha aparecido para a viagem, alguma espécie de empregado, e aquela pessoinha de cabelo ruivo vivo e batom cor de carmesim estava furiosa. Que aparência formidável tinha ela. Seu rosto de ossos marcantes, imóvel, não admitia concessões, e seus olhos arregalados pareciam capazes de mudar de suaves para duros em questão de segundos. Naquele momento, não havia nenhuma suavidade neles.

— Quem é ela? — perguntou Tess a um rapaz que se juntara ao grupo. Sua voz tremia. Nada estava dando certo.

— Você *não sabe*?

Ela olhou de novo para a mulher e notou como as pessoas diminuían os passos ao se aproximar, sussurrando, lançando-lhe olhares de admiração. Sim, havia algo familiar.

— Minha nossa... — disse ela num fio de voz. — É Lucile Duff Gordon.

— Óbvio. *Couture*, você sabe. E a outra mulher é a irmã dela, Elinor Glyn. Ela é de Hollywood, escreve romances. Alguns bastante escandalosos, na verdade.

Tess mal ouviu o que ele dizia. Aquela personagem irada era a estilista mais famosa do mundo, alguém cujos lindos vestidos ela havia visto nos jornais, e agora estava a poucos metros de distância. Era a sua chance — essa era a sua chance.

— Lady Duff Gordon, não acredito que estou vendo a senhora mesmo! — irrompeu Tess, abrindo caminho. — Eu a admiro tanto! A senhora é tão talentosa. Já vi fotos de seus vestidos que me fizeram sonhar. — Ela estava matraqueando, mas não se importava. A única coisa que queria era a atenção de Lucile.

A estilista a ignorou.

— Eu adoraria trabalhar para a senhora — implorou. — Conheço o ramo. Sou costureira, faço trabalhos muito bons, poderia ser de grande

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

